

ECOS

RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

Anjos e moleques

texto LIANA JOHN e foto JOÃO PRUDENTE



As águas sempre se encontram ao descer as serras. Nascidas como fiozinhos, ou em pequenas minas, lá no alto, vão engrossando e ganhando contribuições — da chuva, de outras nascentes — para se transformarem em córregos, riachos, rios. A cada encontro mudam de curso, buscam juntas novo leito, ganhando força para chegar lá embaixo. Essa é a regra também em Carrancas, Minas Gerais, terra pontuada por cachoeiras e mananciais de todo tamanho e vazão. Mas há exceções, mesmo por lá. Às vezes as águas fazem uma pausa para brincar, no meio do caminho. E promovem encontros mais animados, com respingos para todos os lados, formando poços bons de tomar banho

ou só sentar na beira, tirar o sapato e molhar os pés.

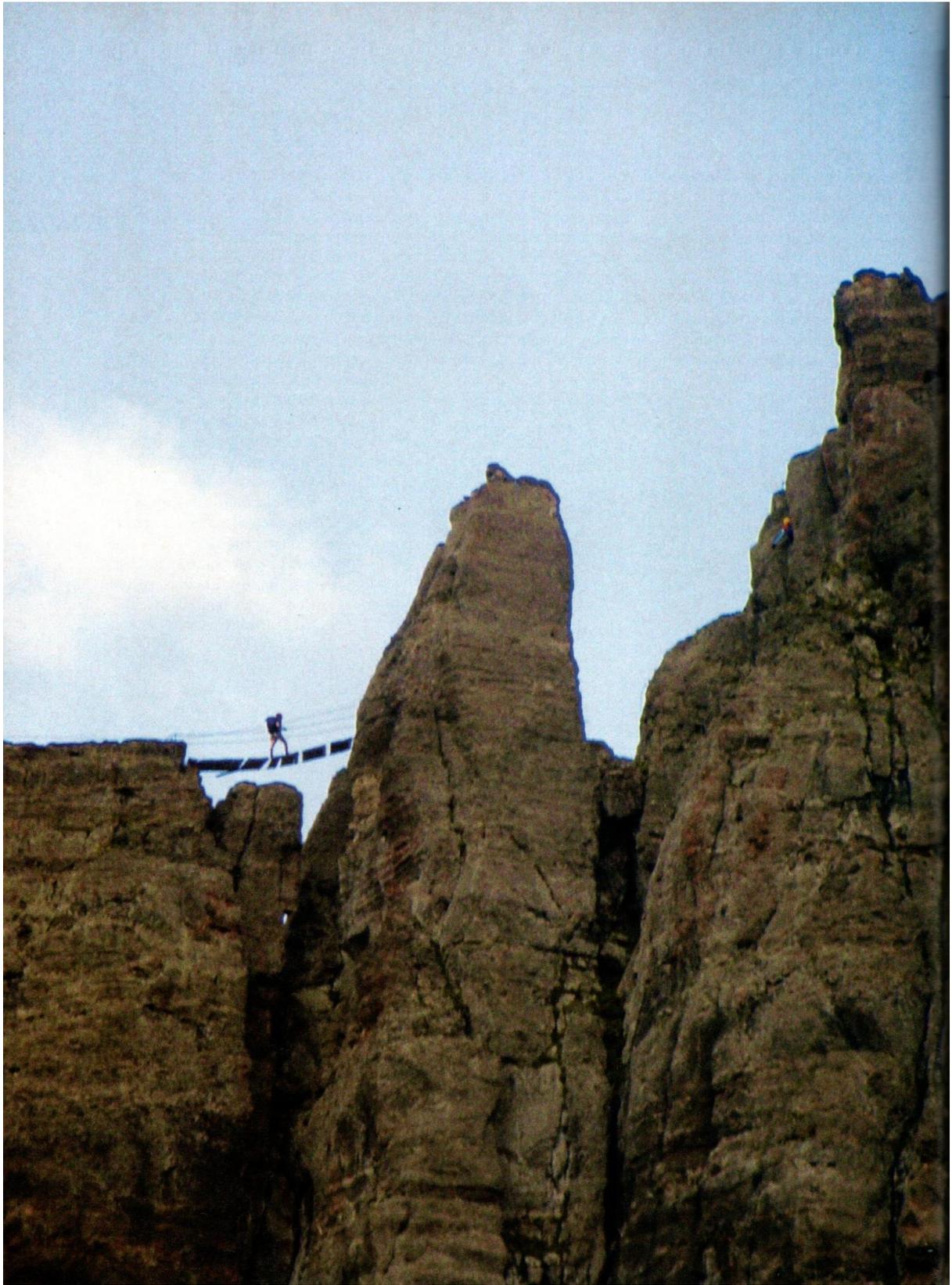
Assim é na Serra do Moleque, localizada a 12 quilômetros de Carrancas (a cidade). Lá em cima nasce um riozinho cristalino, que desce os degraus de pedra com muita espuma branca, levantando vapores leves, que ajudam dar nome a essa queda da esquerda, a Cachoeira dos Anjos. Do outro lado, à direita desta foto, chega uma corredeira do rio Capivari, vindo do Platô do Abanador, onde as primeiras águas brotam dentro de uma caverna. O encontro das duas vias se dá de frente, num tumultuado e gostoso burburinho, um convite ao intervalo nas caminhadas em meio à mata.

Dali as duas águas saem jun-

Um encontro no meio da mata, respingos para todo lado, surpresa 'boa de aproveitar'...

tas, e os 'anjos' se incorporam a rio Capivari para formar a 'Racha da Zilda', uma corredeira mais forte, que passa dentro de um cânion. Até ali se pode mergulhar em águas cristalinas, mas mais para a frente o Capivari recebe outros afluentes e águas mais turvas para desaguar bem adiante, bem maior, no Rio Grande.

Quem quiser experimentar uma dose das águas frias do encontro de anjos e moleques deve perguntar pela Cachoeira da Zilda, no centro de Carrancas ou num restaurante chamado Roda Viva. Sempre tem um guia local disposto a levar os turistas até lá. Pelo menos nas primeiras vezes, é melhor seguir com um guia, para não arriscar perder muito tempo rodando sem rumo e, como dizem alguns moradores locais mais antigos, 'atentar o capeta' que adora desencaminhar viajantes. É o que recomenda o fotógrafo João Prudente, que fez a foto acima, segundo quem, além dessas, a região também tem muitas outras quedas, poços e corredeiras, às quais só os guias sabem chegar.





TIROL

Caminhos de **PEDRA**

O primeiro olhar é dominado pela dureza das rochas. E pelo silêncio. Tudo em volta parece deserto, um belo deserto. Mas a segunda vista revela trilhas, e, em todas elas, sempre tem alguém caminhando. Num instante, os Alpes Dolomites revelam sua identidade de verão: a de fervilhantes 'formigueiros' humanos

texto e fotos LIANA JOHN

A

paisagem é de folhinha, mas está nua. O manto branco de neve - que nos parece indissociável da imagem dos Alpes - dá lugar a faces duras, de pura pedra, verticais, cheias de ângulos e sombras. As montanhas erguem seus picos bem acima da floresta verde-escura, repleta de pinheiros e abetos, e acima também dos campos verde-claros, de ervas e florzinhas delicadas. As rochas são de origem calcária, às vezes de um amarelo pálido, às vezes rosadas. Assim é o Tirol, na fronteira entre Itália e Áustria, onde as tais rochas ajudaram a nomear esse trecho da cadeia montanhosa mais importante da Europa, conhecido como Alpes Dolomites.

O mineral dolomite, abundan-

te em tal paisagem, herdou o nome do geólogo e mineralogista francês Dieudonné Dolomieu, que viveu entre 1750 e 1801, e estudou suas propriedades. Os Alpes Dolomites situam-se na porção oriental de todo o sistema alpino, que tem mais de um milhão de quilômetros de extensão, com largura entre 100 e 400 km, entre Genebra (Suíça) e Viena (Áustria). Com altitudes máximas variando entre 3 a 4 mil metros, as montanhas resultam do encontro das placas tectônicas do Norte da África e da Europa. As placas continuam se movendo, uma em direção à outra, e, portanto, empurram os picos para cima, alguns centímetros a cada ano.

A exemplo de outros trechos dos Alpes, a maioria das cidades tirolesas tem um indicativo de re-

*Os caminhantes
são miniaturas
nas paisagens
grandiosas*

levo inserido no nome. Do lado italiano, o que não é *col* (colo), é *val* (vale), *sass* (rocha), *cima* (cume) ou *paso* (passagem). Por conta da inclinação radical das encostas, as vias de ligação entre as localidades têm muitas curvas, sendo que as mais acentuadas são numeradas e uma placa traz a conta de *tornanti* de cada trecho. E para o motorista não ter o trabalho de enjoar de subir e encontrar a via bloqueada —por neve, deslizamentos de pedras, quedas de árvores, etc — as rodovias também têm avisos (lá embaixo) sobre as condições de cada passagem (cá em cima).

Com frequência é possível encostar à beira da estrada para apreciar a paisagem. De encher os olhos. Para qualquer lado que se vire. Mas o melhor dos Alpes Dolomites não está onde se pode chegar de carro. A região é cortada por uma rede de trilhas, convidando à caminhada. Enquanto não há neve nos caminhos, há caminhantes percorrendo aquelas montanhas, nos colos, nos vales, nas passagens. No começo não é fácil percebê-los, mas, aos poucos, quando se acostuma o olhar, vemos que há milhares de pessoas espalhadas por todo lado, miniaturizadas pela distância e pela comparação com a paisagem de dimensões superlativas.

Naturalmente, as rochas verticais cercadas de abismos e marcadas por fendas são imãs irresistíveis também para escaladores, que ali cunharam e deram sentido à palavra alpinismo. Diferente da mera escalada, que exige muita técnica, mas não faz conta do entorno da parede a ser ven-



PASSAGEM ÍNGREME — O teleférico é carona para caminhantes e esquiadores no passo Giau. Abaixo, as delicadas e prateadas edelweiss. Na pág. 38, a sass Pardo



Vida de marmota

Viver entre 1.500 e 3 mil metros de altitude, nos Alpes, não é tarefa fácil. Especialmente quando se depende de alimento vegetal, com especial preferência por folhas tenras, brotos e botões de flores. Durante seis meses, pelo menos, quase não há nada verde acima da camada de neve, a não ser as duras e pontiagudas agulhas de pinheiro, que não podem ser precisamente classificadas como saborosas. Então a estratégia das marmotas — um dos animais mais abundantes naquelas alturas — é encher a barriga na 'bela estação' e dormir enquanto o frio uiva lá fora.

Durante todo o verão e parte da primavera e do outono, as marmotas comem muito para acumular a gordura que lhes servirá de 'cobertor'. Assim que a neve chega para ficar, pesando entre 4 e 4,5 kg (adultos), elas entram nas tocas cavadas no chão, fecham a 'porta' com palha, e se amontoam em família para dormir; Ou melhor, hibernar. O amontoado fa-

miliar tem de 15 a 20 indivíduos e é especialmente importante para os filhotes mais novos, cujo tamanho não permite o acúmulo de gordura suficiente para protegê-los durante todo o inverno. Eles morreriam se ficassem sozinhos na toca. Os especialistas chamam tal particularidade de termorregulação social.

Uma vez 'entocadas', e devidamente amontoadas, as marmotas atingem um estado de letargia, com alterações importantes em seu organismo: a temperatura corporal baixa de 35 graus centígrados para apenas 5; a respiração se torna mais espaçada e os batimentos cardíacos diminuem de 130 para 15 por minuto. Uma vez a cada 10 dias, mais ou menos, as marmotas acordam e sua temperatura volta ao normal, o que evita que congelem. No final da hibernação terão perdido cerca de 1,5 kg ou um terço de seu peso total.



Existem 14 espécies conhecidas de marmotas na Europa, Ásia e América do Norte, todas do gênero *Marmota*. Nos Alpes, a espécie nativa é *Marmota marmota*, uma simpática e ágil criatura capaz de sentar sobre as patas traseiras e segurar o alimento com as dianteiras, para melhor aproveitar os seis meses de comilança ao ar livre, antes do próximo inverno.



cida, no alpinismo o principal objetivo é chegar ao cume, usando o conhecimento do ambiente — altitude, presença de gelo, exposição a fatores climáticos, risco de deslizamentos, etc — para planejar a subida.

Nos Alpes Dolomites, entre muitos guias alpinos famosos, destaca-se o italiano Tita Piazz (1879 — 1948), também conhecido como 'o diabo das Dolomites' por sua grande coragem e notável forma física. Muitas das trilhas hoje percorridas por tu-

ristas foram traçadas e abertas por ele. Outras tantas são herança da Primeira Guerra Mundial, já que muitas batalhas entre o Império Austro-Húngaro e o Reino da Itália, no início do Século 20, foram travadas naquelas montanhas. Guias alpinos audaciosos e conhecedores do território, como Tita Diaz, fizeram a diferença entre a vida e a morte para os pelotões de soldados entrincheirados nas alturas. Para defender suas posições, sobretudo nos pontos usados como

observatórios, lá no alto, soldados de ambos os lados cavaram grutas e túneis a picareta, nas rochas.

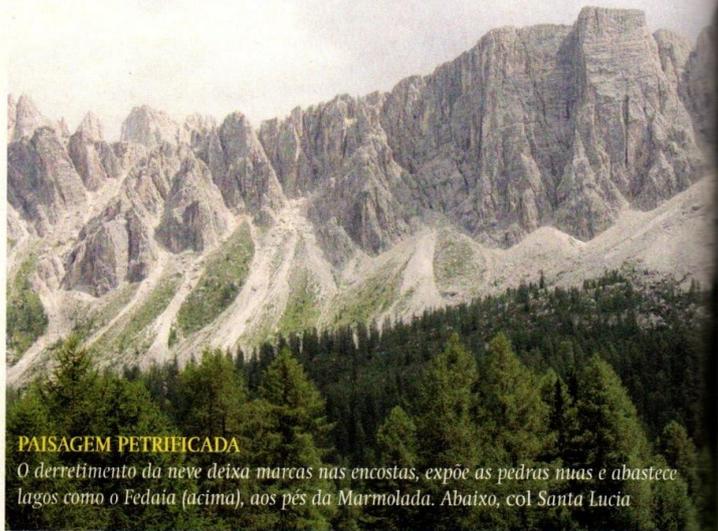
As trilhas do 'diabo das Dolomites' foram uma contribuição tão importante para o desenvolvimento do Tirol — antes e depois da guerra — quanto as hospedarias dirigidas por sua irmã, Maria Diaz, incansável defensora da abertura de uma estrada no Paso Pordoi, para ligar os vales de Fassa, Livinalongo, Gardena e Badia. A grande estrada foi

*Pessoas de todas
as idades passam
o dia inteiro
nas montanhas*

construída em 1905 e, hoje, leva milhões de visitantes às montanhas.

Quando o inverno se instala, os andarilhos acrescentam uma ponteira redonda aos bastões de caminhada e trocam as botas por esquis para percorrer outros caminhos, pelas pistas demarcadas ou por trilhas especiais para prática do esqui de fundo. A mesma versatilidade se aplica aos numerosos teleféricos e bondinhos, que levam caminhantes para cima e/ou para baixo durante a 'bela estação', e carregam esquiadores montanha acima quando a neve está suficientemente espessa para esqui. Quem não tem fôlego – nem pernas – para encarar as subidas mais íngremes, portanto, pode contar com uma carona para percorrer parte do trajeto.

É bastante comum, nas montanhas mais altas – como a Marmolada (3.344 metros), o Monte Pelmo (3.169 m), o Monte Cristallo (3.199 m) e o Piz Boè (3.152 m) – os turistas subirem de bondinho até onde é possível, logo de manhã, munidos de lanches, casacos e água. Passam todo o dia percorrendo trilhas nas alturas, tomando sol, lendo ou simplesmente desfrutando do vertiginoso cenário, para só descer no horário limite dos teleféricos. Outros grupos fazem a viagem só de ida e depois descem a pé, com direito a paradas estratégicas para apreciar a vista até o entardecer, que, no verão, naquela região, acontece em torno das 20 horas. Essa facilidade ainda permite ampliar a faixa etária dos caminhantes: tanto crianças em idade pré-escolar como avós, e até alguns bisavós, transitam pelos caminhos das alturas.



PAISAGEM PETRIFICADA

O derretimento da neve deixa marcas nas encostas, expõe as pedras nuas e abastece lagos como o Fedaia (acima), aos pés da Marmolada. Abaixo, col Santa Lucia



ONDE FICAM

Alpes Dolomites



As montanhas Dolomites têm esse nome por serem formadas de rochas calcárias com predominância do mineral dolomite. Constituem a porção leste dos Alpes e fazem a fronteira entre a Itália e a Áustria.

Apesar de muitos picos terem mais de 3 mil metros, quase não há neves eternas. No verão, as paredes rochosas ficam nuas e só há gelo nos glaciais maiores como o da Marmolada, a 3.344 metros.

O turismo começou a se desenvolver, na região, a partir de 1905, quando foi aberta a estrada do Paso Pordoi.

Muitas dessas montanhas, em seus cumes ou em algumas vertentes, têm verdadeiros campos de pedras quebradas, parecendo depósitos de brita. As lascas são o resultado de muitos anos de exposição da rocha às variações de temperatura. Sucessivas contrações e dilatações acabam por abrir rachaduras na rocha, e, com o tempo, a camada superficial se quebra. Nessa pedra pura mesmo os resistentes musgos e líquens de grandes altitudes não conseguem se fixar, daí o aspecto desértico dos picos. Reparando melhor, porém, aqui e ali é possível encontrar tufo de ervas e florzinhas delicadas, mesmo na beira dos abismos, sujeitos a ventos constantes: basta uma depressão acumular um pouquinho d'água e uma fina camada de nutrientes que a vida encontra um

meio de brotar, sempre teimosa.

Na primavera, quando a neve derrete, as pedras lascadas descem junto com a água, em imensas cachoeiras. E, no verão, o acúmulo de pedras depositadas no percurso da enxurrada confere um aspecto peculiar às encostas, como se as vertentes de degelo, 'petrificadas', fossem um território proibido para a vegetação. Abaixo da rocha pura estão os pastos, onde florescem plantas famosas, como as prateadas edelweiss (*Leontopodium alpinum*) e uma grande diversidade de margaridas e campânulas. Um tapete convidativo, sem dúvida, para um longo exercício de contemplação...

AGRADECIMENTOS A:

Gino e Magda Gnoli por compartilharem as dicas reunidas em muitos anos de caminhadas pelos Alpes Dolomites



ILUSTRAÇÃO: REMATO MUNHOZ